

## ENTREVISTA

### *Arqueologia Escandinava: da Pré-História aos Vikings.*

Realizada por Johnni Langer com o arqueólogo Frank Røberg.

Universidade de Tromsø – Noruega  
Departamento de Arqueologia

[frankroberg@yahoo.com.br](mailto:frankroberg@yahoo.com.br)

**Johnni Langer:** *Os estudos científicos de pré-história tiveram início na Escandinávia do século XIX, com Christian Thomsem (a criação da datação relativa) e Jens Worsae (estudo empírico de sambaquis), que influenciaram diretamente a criação da Arqueologia moderna por toda a Europa, afetando até mesmo a condução das pesquisas brasileiras de 1840 a 1900. Ao contrário, após a segunda guerra mundial, os principais pressupostos teórico-metodológicos da Arqueologia foram propagados especialmente pelos Estados Unidos e Inglaterra. De que maneira os atuais estudos arqueológicos feitos na Noruega vem sendo influenciados pela chamada Nova Arqueologia, Pós-processualismo e outras correntes contemporâneas?*

**Frank Røberg:** O pós-processualismo teve seu auge na Noruega na década de 1980. Muitos trabalhos e teorias eram baseados em idéias feministas e marxistas. Muita ênfase era dada ao entendimento de culturas através da análise do material arqueológico com intenção de encontrar neles prova de conflitos dentro da sociedade estudada. Atualmente os estudos e as teorias arqueológicas, em grande parte, não seguem nenhuma corrente específica. Há um entendimento, de que qualquer sociedade é extremamente complexa e que uma teoria específica para explicar toda e qualquer sociedade não é o ideal. Não existem razões que referendam que as teorias funcionalistas, estruturalistas, feministas e marxistas sejam usadas para explicar diferentes lados de uma mesma sociedade. Existe também, atualmente, na Noruega grande interesse no uso de novas tecnologias, GPS e mapeamento digitalizado na documentação das escavações, o que permite uma maior exatidão e compreensão dos locais estudados. E por fim é dado alto valor ao conhecimento adquirido através da Arqueologia experimental.

**J.L.:** *Uma das questões vinculadas à transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro na Escandinávia é saber quais elementos os povos de origem germânica conservaram quando penetraram na região. Alguns pesquisadores enfatizavam a permanência especial de símbolos religiosos, mitos (presentes, por exemplo, nas gravuras de Bohuslän, Suécia, onde algumas imagens são interpretadas como evidências “precursoras” do mito de Thor, Tyr, Vanes, Ases, etc) e sacrifícios humanos. Como você percebe essa questão, a de permanências ou rupturas culturais entre as antigas sociedades escandinavas (as da Idade do Bronze) e as novas (germânicas da Idade do Ferro)?*

**F.R.:** Pelo que entendo, na Noruega não há uma ruptura entre as sociedades da Idade do Bronze e o da Idade do Ferro. Você não tem o grande movimento de grupos que é

comum na Europa continental. As mudanças sociais não são vistas normalmente por razões de migração, mas sim difusão.

**J.L.:** *Os dois momentos mais famosos na história da Arqueologia escandinava foram as descobertas das embarcações norueguesas de Gokstad (1880) e Oseberg (1904), que contribuíram não somente para incrementar o referencial de nacionalismo do país, independente desde 1905, quanto para mudar o referencial que se pensava sobre os Vikings (não sendo mais um povo “bárbaro”, “primitivo”, “selvagem”), mas dotados de uma sofisticada arte, tecnologia, sociedade e cultura. No atual debate sobre as transferências dos navios de seu local tradicional em Oslo, como você percebe a importância paradigmática destas descobertas seculares, especialmente para a nova geração de arqueólogos e interessados na Escandinávia do período Viking?*

**F.R.:** O material arqueológico Viking é abundante a cada dia, quando é encontrado. Mesmo tendo grande importância por ter dado uma quantidade gigantesca de informações relacionadas à tecnologia e à sociedade nórdica, não acredito que a maior parte dos arqueólogos que estudem esse período tenha essas embarcações como algum tipo de "reliquia sagrada". O arqueólogo tem como função a compreensão de sociedades passadas estudando o maior número possível de material arqueológico e histórico deixado por eles. Ter um tipo de achado que já foi muito bem estudado e analisado como a base permanente de seus estudos é contraprodutivo. Pessoalmente, acredito que o local onde os barcos vão ser expostos, desde que todos os cuidados sejam feitos para uma boa preservação das embarcações, deva dar prioridade ao local de origem dos achados. Acredito que as embarcações cumpriram o papel que tinham no início do século passado de servirem como fator de unificação nacional. Atualmente, elas têm valor turístico/econômico para Oslo.

**J.L.:** *A arqueóloga Else Roesdahl em recente publicação (Les Vikings, 2005) considerou que não existem estudos globais sobre localizações espaciais de monumentos arqueológicos da Era Viking na Dinamarca (que poderiam auxiliar numa melhor compreensão do poder, da história e dos mitos), enquanto outros pesquisadores (especialmente de língua inglesa) percebem que também inexistem uma sistematização na Escandinávia envolvendo a relação entre escrita rúnica, imagens mitológicas e oralidade-letramento, que talvez pudessem esclarecer problemáticas como: foi apenas a ilha de Gotland que criou imagens materiais da mitologia nórdica (picture stones); praticamente, foi somente na Islândia que foi preservada uma literatura de origem Viking; inexistem runas na Normandia, Islândia, ao mesmo tempo ocorrendo em locais díspares como Groelândia e Rússia. O que você pensa das metodologias envolvendo estudos de cultura material de tendência regional em contraposição com as perspectivas globalizantes ou generalizantes?*

**F.R.:** A era Viking possui um material muito grande escrito não só na Escandinávia como em praticamente toda a Europa. Não posso afirmar que os casos citados acima não tenham sido estudados, mas há um problema grande na Escandinávia em relação ao material escrito/produzido pelos pesquisadores. Grande parte dele é escrito nas línguas de origem dos pesquisadores, noruegueses, suecos ou dinamarqueses, o que torna difícil para aqueles que não dominam estas línguas terem acesso a essas pesquisas, o que pode dar a idéia errônea de que a pesquisa não exista.

**J.L.:** *Um dos grandes debates da Arqueologia norueguesa é referente à(s) causa(s) do abandono das colônias nórdicas no Atlântico Norte, especialmente as da Groelândia. Enquanto alguns se posicionam a favor dos conflitos com os habitantes pré-existentes na região (indígenas norte-americanos e esquimós), outros postulam questões climáticas, econômicas, de abastecimento, epidemias e problemas de ordem interna (como rivalidades). Qual a sua posição sobre este debate?*

**F.R.:** Eu acredito que a razão para o desaparecimento das duas colônias na Groelândia está diretamente relacionada à mudança de clima ocorrida no século XV, a chamada pequena era do gelo, e à razões políticas na Noruega. A pequena era do gelo fez com que a Groelândia, que quer dizer terra verde, não conseguisse produzir tanto quanto quatro séculos antes. Antes era possível chegar até às colônias na maior parte do ano de barco. Com o gelo que se formou devido à queda na temperatura, a navegação se tornou mais difícil e barcos com suprimentos não conseguiam chegar para reabastecer as colônias. Com a união entre a Noruega e Dinamarca sob a rainha dinamarquesa\*, a colônia Norueguesa da Groelândia perdeu o seu valor e os barcos que eram mandados anualmente pela coroa Norueguesa cessaram de vir. Na realidade, não é exatamente um mistério o desaparecimento dessas colônias. Na Groelândia, a população nórdica existiu por 500 anos. O mistério é relacionado à história de que, quando um barco chega a última colônia na Groelândia, eles não encontram ninguém. Provavelmente, os últimos moradores deixaram a colônia sem alarde e migraram para a Islândia ou outras ilhas de população nórdica ou retornaram à Noruega.

---

#### NOTA DO ENTREVISTADOR

\* O arqueólogo refere-se à rainha Margarida, da Dinamarca, que em 1389 unificou a coroa da Dinamarca e da Noruega, sendo estes países governados pelos reis dinamarqueses até 1814.